

**SÉRIE DE ENTREVISTAS :**

**VERTENTES DA PESQUISA NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO  
BRASIL – Profa. Dra. Sônia Castellar**

**Entrevistada:** Dra. Sonia Maria Vanzella Castellar<sup>1</sup>

**Entrevistadores:**

Otoniel Fernandes da Silva Júnior<sup>2</sup>,

Mikael Rodrigues de Araújo<sup>3</sup>

**Data da entrevista:** 13.12.2021<sup>4</sup>

A idealização do projeto “*Vertentes de pesquisa do Ensino da Geografia no Brasil*” tem em vista proporcionar uma leitura de aproximação da vivência de autores no ensino de geografia no Brasil e a sua trajetória de pesquisa. Esse cruzamento oferece elementos para conhecer os autores, as obras e como as suas trajetórias desembocaram em pesquisas que servem de base até os dias de hoje para a prática e pesquisa no ensino de geografia.

Esta iniciativa parte em conjunto com a Revista Pensar Geografia a partir da parceria de Otoniel Fernandes da Silva Júnior e Mikael Rodrigues de Araújo. O objetivo deste trabalho

---

<sup>1</sup> Professora Doutora Titular da Faculdade de Educação da USP, lidera o Grupo de Pesquisa GEPED – Grupo de Estudo e Pesquisa em Didática da Geografia e Práticas Interdisciplinares. Coordenadora do Grupo de Pesquisa de Investigadores Latino Americanos em Didática da Geografia – REDLADGEO.

<sup>2</sup> Docente do curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), membro do Grupo de Pesquisa em Educação Geográfica – GPEG – email: otonielfernandes@uern.br

<sup>3</sup> Docente da rede privada do Estado de São Paulo, Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP – email: mikaelrodrigues@usp.br

<sup>4</sup> Entrevista realizada via plataforma digital de stream remotamente, a versão na íntegra estará nas redes sociais da Revista Pensar Geografia.

coletivo visa ampliar, divulgar e pluralizar os meios de discussões do ensino de geografia no Brasil por meio da revista eletrônica e canais virtuais de publicação.

Diante disso temos a honra de inaugurar este projeto com a entrevista da professora doutora Sonia Maria Vanzella Castellar. A autora, que prontamente aceitou o convite para participar desta iniciativa, nos conta a sua trajetória acadêmica da graduação ao doutorado na Universidade de São Paulo (USP), passando pela sua experiência como professora da educação básica e superior. Apresenta as suas preocupações iniciais que a conduziram às pesquisas do ensino de geografia com as dificuldades e possibilidades do momento histórico da sua formação, chegando aos questionamentos teóricos e práticos que norteiam as suas pesquisas atualmente.

**Revista Pensar Geografia:** *Conte-nos um pouco sobre sua trajetória de pesquisa no ensino de geografia da graduação à pós-graduação? Os momentos iniciais que proporcionou seguir esta área de pesquisa: o ensino de geografia?*

Comecei a minha graduação em 1979 no momento da ruptura da geografia crítica no contexto do debate do pensamento geográfico. Nessa circunstância, o departamento de geografia da Universidade de São Paulo (USP) também estava passando por mudanças, muitos professores se aposentando, outros chegando, e, com isso, debates intensos ocorriam. Logo comecei também a participar do movimento estudantil na mesma universidade, que tinha seu raio de ação em nível nacional e estadual, e na geografia fui construindo a minha formação, não só dentro do departamento de geografia da USP (estudante, concurso, currículo e etc.), mais também em conversas no movimento estudantil, com professores que frequentavam a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB).

A AGB nesse momento passava por uma mudança no seu estatuto. Somente professores titulares votavam, os estudantes e sócios reivindicavam seus lugares na discussão política, e o processo de mudança de estatuto foi iniciado. A AGB torna-se um espaço de muitos debates políticos internos a sua estruturação e da geografia, devido ao contexto das discussões da geografia crítica. Nesse momento também ocorre o lançamento do livro *Por Uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*, livro lançado no Encontro Nacional de Geógrafo, sediado em Fortaleza-CE, no ano de 1978.

Todos estes elementos vão oferecendo para a geografia uma dinâmica de debates construtivos e intensos acerca das mudanças políticas. Além disso, havia todo um debate no movimento estudantil (lembrando que nesse contexto estávamos ainda na ditadura militar), então a militância estudantil e todos nós sofremos repressão na época; até que veio na década de 1980 o movimento pelas “Diretas Já”. Embora seja um outro momento, isso é importante para entendermos a história política que a geografia e a formação de estudantes vivenciavam.

Do ponto de vista da geografia e da minha trajetória estava envolvida na pesquisa do ensino de geografia dentro da universidade, mais também muito associada à dinâmica política

desses movimentos estudantis. Haja vista como diretora da União Estadual dos Estudantes, do Diretora Central dos Estudantes (DCE) da USP, ou seja, foi um processo formativo de início de carreira de muita participação política.

Logo no início da minha graduação (anos de 1980) comecei a ministrar aulas na educação básica denominada, na época, de Supletivo, o que seria hoje a Educação de Jovens e Adultos. Nesse contato fiquei muito inquieta em relação à formação do espaço e como um adulto (que vai para a escola mais tarde, ainda em processo de alfabetização) organiza a espacialidade, como é que o espaço vai sendo organizado, e como ele (o adulto) vai entendendo, por exemplo, o mapa e construção e organização dos arranjos espaciais. Isso me inquietava muito e passei a pensar em fazer o mestrado<sup>5</sup> relacionando a alfabetização do adulto e o conceito de espaço e já interessada nessa dinâmica a partir da cartografia, cartografia escolar, que sempre estiveram presentes nas minhas intencionalidades de pesquisas.

Na época acabei indo parar na Faculdade de Educação porque não havia vaga no departamento de geografia e algumas pessoas ainda não tinham condições de me orientar, gostaria de fazer o mestrado com o Ariovaldo Umbelino, mas não havia vagas e assim acabei indo para a educação com o projeto, buscando as relações entre os Adultos e configuração espacial. Na educação vou para outra linha, para o campo da didática.

Logo em seguida do ingresso no mestrado, parei de ministrar aulas no supletivo e comecei a trabalhar com o fundamental I. Daí começo a me interessar pela mesma temática, mas em outro segmento da educação. Dessa maneira, nos meus primeiros trabalhos volto a trabalhar com crianças, estava muito ligada a entender como a criança constitui o conceito de espaço, como compreender os mapas, fazer com que entenda o raciocínio e a estrutura do pensamento. Isso estava muito associado à linguagem de como a criança entendia esse espaço e a relação entre o signifiante e o significado que têm muito a ver com a discussão de legenda; signos e símbolos; utilizando nos mapas as relações espaciais de reversibilidade e de lateralidade que impactam na leitura das legendas e etc. Esse processo constitui a trajetória inicial do mestrado na Faculdade de Educação com o apoio e orientação do professor Lino de Macedo e daí encaminhei com as mesmas questões para o doutorado<sup>6</sup>.

Na medida que fui avançando e estudando nessa perspectiva, especialmente depois que entrei na USP como professora no final de 1998, continuo aprofundando tais questões e ampliando para debates como o urbano; dialogando com outras categorias da geografia; mais sempre preocupada com a cartografia escolar e a metodologia de ensino. Além disso, enquanto professora, trabalhei com a formação de professor; o estudo da cidade; o *Raciocínio Geográfico* e a formação de professores; a metodologia e a construção de conceitos no processo de ensino-aprendizagem.

---

<sup>5</sup> CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Distinção palavra/objeto e a representação do espaço geográfico por alunos da 5ª a 8ª série**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

<sup>6</sup> CASTELLAR, S. M. R. **Noção de espaço e representação cartográfica**: ensino de geografia nas séries iniciais. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

**Revista Pensar Geografia:** *Então os seus estudos sobre a cartografia se deram mais pela sua aproximação em relação aos estudos que já vinham se desenvolvendo na época, como, por exemplo, Livia de Oliveira; Marcelo Martinelli; Maria Simielli?*

Curiosamente o que me estimula no mestrado e doutorado é compreender (e essa sempre foi a minha marca) como os sujeitos entendem e evoluem os conceitos. Esse movimento faço também a partir do debate que estabeleço teoricamente com o Piaget visando analisar a evolução conceitual do espaço. Para isso, estudei ao mesmo tempo três obras durante sete anos para poder me ajudar a entender o que é a representação do mundo da criança e a formação simbólica na criança, a representação do espaço<sup>7</sup>.

Assim, fiquei um tempo buscando entender a epistemologia genética de Piaget que, na minha leitura, tem a ver com a compreensão do espaço. A epistemologia genética tem relação com a origem do conhecimento, mas a origem do conhecimento não é genética do DNA, é uma genética da gênese, ou seja, pergunta que o Piaget faz é como a criança (o sujeito) sai de um nível de menor conhecimento para um nível de maior conhecimento. Essa pergunta foi me mobilizando, já que afeta o processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, na medida que vou entendendo o Piaget percebo que não estava preocupado com aprendizagem. A preocupação do autor era na perspectiva de como o conhecimento era adquirido; como o sujeito adquire conhecimento e como se dá essa passagem. Então, quem faz uma leitura pedagógica desse processo somos nós e não ele (Piaget). Para Piaget o que importava eram as respostas que as crianças davam e era a partir dessas respostas que ele conseguia compreender o nível de raciocínio e o nível de formação da criança.

**Revista Pensar Geografia:** *Essa relação com Piaget e a sua tese de doutorado publicada em 1996 que apresenta de modo evidente as influências tanto de Piaget quanto de Vygotsky. Quais desdobramentos (impactos) ocorrem a partir desses autores na sua obra e no ensino de geografia no Brasil?*

O Piaget influenciou nos meus primeiros estudos da cartografia porque a gente estava trabalhando com uma faixa etária de crianças e ao mesmo tempo com a compreensão das representações cartográficas dos alunos. Tais influências vão até os anos da década de 1990, início dos anos 2000 quando introduzimos outros autores que trabalham com a linguagem, ampliando o leque de outras referências teóricas para a discussão da cartografia.

Na minha tese de doutorado o debate com o Piaget ficou mais forte. Logo o tema estava em torno do recorte dos anos iniciais e a noção de espaço, pensando de que forma as crianças pensam os espaços e o espacializa, de que maneira compreender os objetos espacializados. Se usarmos um termo geográfico será como entender os arranjos espaciais existentes no território.

---

<sup>7</sup> PIAGET, Jean. *A representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1975, PIAGET, Jean. *A Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978. 370 p.. PIAGET, Jean. *La representation de l'espace chez l'enfant*. Paris, P.U.F., 1948.



O

Vygotsky vai entrando também nas minhas pesquisas nas discussões porque ele traz o conceito de mediação (não que o Piaget não trouxesse), mas são bases teóricas diferentes de interpretações.

Tive várias influências teóricas até por conta dos meus orientandos. Os meus primeiros orientandos de mestrado no departamento de geografia (defendidos em 2004/2005) foram para perspectivas teóricas distintas. Se pegarem as bases teóricas dessas pesquisas visualizam que discutiram a partir de *David Ausubel*, *Alexei Leontiev* e etc. Nunca me fechei no Piaget. Esse autor faz sentido para entender algumas coisas, mas as pessoas gostam de me rotular, porque o rótulo serve para desqualificar o outro. Mas na verdade sempre tive um interesse em ler e entender outros autores para analisar onde os aproximam e onde tem divergências e assim avançar na discussão do ensino e o processo de ensino-aprendizagem.

**Revista Pensar Geografia:** *Recentemente vi em uma live você comentando sobre seus aprofundamentos a respeito dos estudos da obra de Gaston Bachelard. Essa também é mais uma vertente recente ou é uma história mais antiga?*

Os meus estudos sobre o Gaston Bachelard é uma história mais antiga. Piaget, por exemplo, dialogava muito com o Bachelard e com o Poincaré. O interessante é que isso - fico pensando, e essa é uma crítica que faço ao ensino de geografia - acho que falta para o nosso campo da educação geográfica um aprofundamento teórico. Busco fazer isso hoje e provavelmente devo ter responsabilidade nisso em alguma medida: é o fato de a gente não procurar entender os autores com os quais dialogamos ou aqueles que não concordamos muito, mas também não sabe por que não concorda.

Por exemplo, quando fiquei quatro anos estudando o *Alexei Leontiev*, nesse momento também tive contato com o *Alexander Luria* e me aproximei mais do *Vygotsky*; tem coisas ali conceituais de base teórica que precisam de uma investigação. Assim, é importante questionar qual é a base teórica de Vygotsky? Com que o Vygotsky trabalhava e discutia? Portanto, não é uma discussão se é marxista ou não-marxista, é uma discussão muito mais complexa.

Se a gente entende que o *Alexander Luria* e mesmo o Vygotski (que morreu precoce), mas o Luria é quem vai dar continuidade e acaba indo também para o campo da neurociência, *mas não dessa neurociência da Inteligência Artificial*, mas sim, na neurociência no sentido do desenvolvimento da mente, da função da mente, de como que a gente evolui a inteligência e como a estimulamos.

Na verdade, muitos desses autores que estamos citando, falam pouco da escola. Essa “transposição” que a gente faz entre a discussão *teórica-científica produzida* e a escola não pode ser direta, por que se ela é direta a gente incorre em erros. Transformar o *Jean Piaget* em um pedagogo é a coisa mais equivocada que pode existir, mais rasa que pode existir. Porque ele nunca se preocupou com isso.

Então, a gente precisa conhecer bem os autores para poder falar deles. Agora a gente não pode desqualificar esses clássicos que nos ajudam a compreender o processo de construção do conhecimento. No campo do ensino da geografia faltam pesquisas “robustas” que tragam a

dimensão teórica. A gente tem que superar a ideia de que comentar experiências de escola é fazer pesquisa. Não é fazer pesquisa. É fazer outra coisa. Tem que ter uma pergunta, um objetivo, tem que saber onde você quer chegar, e sem uma pergunta e sem uma dimensão metodológica você não consegue fazer uma pesquisa com “robustez” e qualidade.

**Revista Pensar Geografia:** *Podemos falar de uma distinção entre a Geografia Escolar e a Geografia Acadêmica historicamente e nos dias atuais ou estamos falando do mesmo campo de saber?*

Tenho pensado e discutido muito sobre isso no meu grupo de pesquisa. Acho que temos que pensar o método da geografia. Quando você está dando aula, o conteúdo é diferente, a geografia escolar é interdisciplinar e ela tem uma dimensão distinta da dimensão do acadêmico. Na academia a gente acaba fazendo um recorte de pesquisa, vai trabalhar com um tema, se é na geografia física é outra abordagem e etc., mas a gente tem sempre o método (não estou falando de metodologia) estou falando de método de análise do objeto.

Quando penso a geografia escolar com a geografia acadêmica, talvez hoje eu tenha a posição de aproximar, e aproximar entendendo que a Geografia Escolar tem diferenças óbvias, mas é importante que a gente não perca a dimensão do método. O que quer dizer isso? Quando estou dando aula sobre indústrias, cidades, ambiente, elementos físicos naturais, falar de solo urbano, de um desastre de um impacto ambiental e etc., tenho que saber a partir de quem estou falando.

Quais os conceitos? Com quem dialogo teoricamente? Se tenho uma abordagem crítica? Se sim, quais autores: *Henri Lefebvre, David Harvey, Milton Santos*? Se tenho uma abordagem fenomenológica, vou discutir na perspectiva de *Tuan*? Na perspectiva da geografia cultura? Com quem estou dialogando quando dou aula de um determinado assunto? Quais bases teóricas me sustentam para falar sobre as regiões brasileiras? Porque se não tenho clareza disso, eu simplesmente descrevo os conteúdos escolares na sala de aula, eu não explico, não discuto.

Quando falo da cidade, quando falo dos lugares, da escala de análise (global/local) tem diferença quando parto de um pressuposto teórico é isso que tenho que levar para a sala de aula. Vou trabalhar com a ideia de espaço absoluto, relativo e relacional; e estou falando isso a partir de quem? *Do David Harvey*, por exemplo? Vou trabalhar a geografia a partir da perspectiva da *Doreen Massey*? Como é que é ministrar aula a partir dessa perspectiva teórica?

Então, fico pensando que temos que ter clareza quando estamos ensinando aos nossos alunos a organizar uma aula que diga o seguinte: bom, vou trabalhar alguma metodologia em sala de aula, mas tenho que trabalhar com a geografia escolhendo os métodos e perspectivas. Se um professor não sabe qual é a perspectiva teórica que tem, ele entende geografia? Ele sabe geografia? Ou ele sabe uma geografia descritiva, mnemônica, tradicional que a geografia sempre criticou desde os anos de 1970? Que avanço a geografia escolar teve nesse tempo todo? Nenhuma. Continua do mesmo jeito. Não importa se é crítica, teórica, crítica cultura, se é teórica a qualquer crítica cultural. A geografia continua sendo ensinada do mesmo jeito.

Então, para mim falta essa dimensão do método. A geografia acadêmica e a geografia escolar têm diferenças, mas temos que tomar cuidado para não jogar uma fora em detrimento



da

outra. Quando a gente fala de cidade, de cotidiano, a gente tem que saber a partir de que estamos falando. Porque o cotidiano vira ritmo, vida e vivência; senão a gente não traz o peso que o conceito tem que a categoria tem e a gente traz o peso do senso-comum, aí não precisa ir para a escola para aprender senso-comum. Pode ficar em casa e aprender vendo televisão.

**Revista Pensar Geografia:** *Conte-nos um pouco sobre a sua experiência como autora de livros didáticos para séries iniciais. Os caminhos percorridos nas investigações para a elaboração de tais livros?*

Em relação ao livro didático acho que ele mudou muito, principalmente depois da avaliação do PNL<sup>8</sup>. Esse processo de avaliação do livro didático (podemos questionar como é que ele é feito hoje, como é que está sendo a organização das equipes que avalia um livro didático, enfim), mas é um avanço distribuir gratuitamente tudo mais porque acho que o aluno na escola pública vai ter acesso ao material didático, vai ter acesso a um livro na casa dele pelo menos, principalmente a população que não tem livro, acho que o governo devia intensificar mais ainda a distribuição. Às vezes a gente ver um problema sério de distribuição dos livros depois da compra aí entra ‘n’ problemas. Aí podemos até fazer uma outra entrevista discutindo o livro didático.

Acho que tem uma importância muito grande. No interior de São Paulo do Brasil tem muitas pessoas que dão aula e são formadas em outra área e que dão aula de Geografia, por exemplo. O livro didático contribui para que a aula fique um pouco mais focada naquele conteúdo, naquela disciplina. A investigação das pesquisas que faço me ajudam a repensar o livro didático, a forma de organização dos conteúdos, as atividades e etc. O livro didático tem sim uma importância grande na vida dos estudantes da escola pública com todos os problemas que possam ser ainda uma opção importante.

**Revista Pensar Geografia:** *Entre suas publicações é recorrente as pesquisas voltadas para um estudo sobre a natureza da Educação Geográfica, afinal de que trata esse termo? Está relacionado às questões teóricas e de método que você vem destacando?*

Como venho falando, a minha preocupação será que não é pelo método, trazer e entender o método. Qual é a natureza da ciência geográfica? Qual é a natureza do ensino da geografia? Quando pergunto isso estou procurando entender epistemologicamente como se constrói esse conhecimento. Por exemplo, quando a gente está falando de metodologia do ensino, metodologia ativa, mas vamos falar de metodologia de ensino por investigação, ensino por argumentação. O ensino por investigação requer objetivo; um problema para uma situação geográfica que vou analisar; requer trazer o estatuto epistemológico da Geografia, porque se a mesma é uma ciência tem que ter um estatuto epistemológico. Portanto, compreendendo a

---

<sup>8</sup> Programa Nacional do Livro Didático - PNL<sup>D</sup>.

educação geográfica nesse contexto começo a construir a ideia dessa dimensão de qual é a natureza da educação geográfica.

Quando faço isso tenho que pensar em uma aula diferente. Quando penso na aula com mais teoria na geografia, tenho que entender qual é a natureza da educação geográfica, porque é a partir da compreensão que tenho em relação à geografia que irei construir esse processo. Neste sentido, é pelo método, é pelos clássicos, trazer os princípios da geografia, trazer o estatuto epistêmico da geografia. É você garantir o processo de aprendizagem por meio das metodologias levando em consideração quais são os conceitos espaciais; quais são os princípios da geografia; a importância de entender o princípio de conexão. Entendendo isso melhor, por exemplo, a relação da teoria geossistêmica para articular isso com o conhecimento do urbano. Isso na sala de aula tem uma diferença, pois quando falo de urbano não posso dissociar do solo, da hidrografia, do clima, tenho que trabalhar essas coisas conectadas, integradas ao cotidiano, à realidade. A realidade não é fragmentada em pedacinhos como a gente faz na sala de aula, temos que entendê-la dentro de um contexto maior.

**Revista Pensar Geografia:** *Nos debates do ensino de geografia na atualidade são recorrentes as pesquisas a respeito do urbano, cotidiano e a construção da cidadania. Como você visualiza essa discussão?*

Eu faço um campo de pesquisa que tem a ver com a cidade, o urbano, a dicotomia campo cidade, porque a gente foi percebendo que a maior parte dos estudantes estão no urbano. Tomei a cidade para entender essa dinâmica toda do cotidiano; discutir criticamente a organização dos arranjos e configurações especiais; relacionar físico-humano, quebrando um pouco a relação N.H.E (Natureza, Homem, Economia), trazendo uma perspectiva mais integrada. Isso, para mim, faz parte da constituição cidadã. Ajudar a entender a realidade.

A pergunta que tenho falado muito atualmente: *por que as coisas estão onde elas estão?* Quer dizer que compreender isso é fundamental para você pensar a realidade e saber e com isso você ajuda o sujeito a se tornar um cidadão. Então, foi um debate assim muito relacionado à formação de professores que comecei a perceber que os professores tinham dificuldade com alguns conceitos e aí acabei trazendo a cidade, o estudo da cidade, o trabalho de campo, e outros temas que podem ajudar a entender melhor a geografia e por isso foi começando a estudar esses sistemas sempre associado com a cartografia, sempre associado com essa dimensão do método hoje.

**Revista Pensar Geografia:** *Qual o papel das agências de fomento à pesquisa na produção do conhecimento do ensino de Geografia no Brasil?*

Quando a gente fala de agência de fomento dá até medo, né?! Porque a gente está falando da CAPES, CNPq, FAPESP (no caso do Estado de São Paulo) e de outras fundações estaduais que fomentam as pesquisas locais dos estados. É claro que as ciências humanas são sempre as mais penalizadas de todas, a área de ensino mais penalizada ainda. O que vejo é que essas agências são fundamentais a qualquer tipo de pesquisa, no caso do ensino de geografia



elas são importantes também. Agora cabe a nós na geografia e no campo da educação geográfica, fazer projetos robustos, com uma boa fundamentação teórica, uma boa perspectiva teórica.

O que quer dizer isso? Num projeto de pesquisa tem que ter a metodologia de pesquisa, os objetivos que quer ter, quais são os resultados dessa pesquisa, porque tudo isso é dinheiro público. A gente não pode brincar com dinheiro público. A gente tem que ter responsabilidade e ética com isso. Se vou fazer uma pesquisa que está sendo financiada: qual é a retribuição para a sociedade? Por que é a sociedade que está pagando isso. Acho que a gente tem que ter muito cuidado. Mas temos que aumentar a demanda para que as agências vejam como é que o ensino da Geografia no Brasil cresce, e cresce de uma forma ‘bacana’, séria, enfim... O próprio comitê do CNPq, da CAPES têm olhado o ensino de um outro jeito, de uma forma, menos preconceituosa buscando ajudar, acho que tem esse movimento, sim. Hoje os comitês de assessoria das áreas são sensíveis à educação geográfica e isso nos deixa feliz, mas a gente precisa ter uma qualidade não é só a quantidade.

**Revista Pensar Geografia:** *A noção de Raciocínio Geográfico aparece de modo constante nas bibliografias recentes do ensino de geografia refletindo essa discussão na BNCC de Geografia, por exemplo. Poderia comentar um pouco sobre esse conceito e quais as possibilidades o mesmo oferece para pensarmos o ensinar-aprender geografia?*

Quando a gente fez a avaliação da primeira versão da base, a segunda e terceira versão da base *procuramos incorporar muitas coisas da primeira, da segunda versão*, mas a gente estava com uma preocupação que foi a seguinte: em que medida as propostas anteriores (a primeira e a segunda versão) traziam e fortaleciam categorias e conceitos da Geografia? Porque é exatamente essa história. Quando penso numa perspectiva teórica tenho que garantir uma abertura (apesar da crítica falar que não tem abertura), mas tenho que pensar na abertura que qualquer pessoa possa utilizar aqueles conteúdos na sua perspectiva teórica. A intenção foi trazer muito forte a geografia, a geografia como ciência, resgatar os princípios geográficos e com isso a dimensão do estatuto epistemológico. Pensando isso e trazendo essa dimensão e pensando os clássicos. Nós fomos lendo Jean Brunhes, Max Sorre, o Milton Santos, os contemporâneos. Rui Moreira naquele livro *Pensar e ser em geografia* traz os princípios de um jeito muito forte e ele chama os princípios de categorias das categorias, até sugere que arranjos se tornem uma categoria. Mas, enfim... esse é um debate para outra hora.

Foi pensando por aí que a gente trouxe o *Raciocínio Geográfico*, não como um conceito comum, uma habilidade, nem como um termo caro para a geografia; também não foi pensando nas teorias didáticas pedagógicas, não pensamos nas teorias didáticas pedagógica. Então, o debate não é se é pensamento ou raciocínio por conta da psicologia ou da filosofia, quem veio primeiro, se raciocínio é uma coisa mais técnica: a discussão não foi essa. A conversa o tempo inteiro foi como resgatarmos a geografia de uma forma que ela se torne evidentemente uma ciência, que a gente resgate essa complexidade de se compreender a geografia (porque a geografia tem um nível de complexidade que é igual a outras ciências), então não é menos, não pode ser de memorização, tem que ser de uma forma por meio desse conjunto de conhecimento geográfico. Então, o raciocínio, o conhecimento geográfico, eu compreendo todas as relações existentes na geografia. Não posso estudar o urbano se eu não tiver estudando a sociedade, a

natureza; se eu não pensar na paisagem, nos elementos que compõem a paisagem. Não é elemento natural *versus* humano, esse não é o debate da paisagem. Como é que eu trago o conceito de paisagem pelo arranjo, pela configuração dentro de um território? Como é que eu estudo e articulo a relação tempo-espaço, arranjo, território? Como é que trago isso para compreender a organização e a produção do espaço? Não adianta eu falar a produção do espaço capitalista ‘e babá’: como é que a criança de 11, 12, 14 anos vai entender isso no ensino fundamental?

Agora posso entender isso do ponto de vista da Doren Massey. É por isso que falei tenho que ter clareza do como é que entendo a geografia para na hora que eu for dar aula usar esses fundamentos para a minha argumentação como professora, e a partir daí explicar essas categorias.

Então, o *Raciocínio Geográfico* vem compondo o estatuto epistêmico. Ele não tem uma associação à inteligência ‘ah então é porque Vygotsky’, ‘porque é Piaget’: não tem nada a ver com isso, esqueçam isso. Recentemente me fizeram uma pergunta: ‘ah tem a ver com Piaget?’ Não, não tem! Porque a base metodológica da BNCC, a parte pedagógica da base não fomos nós que fizemos, foi um outro grupo que fez. O que se preocupou foi: bom, se é do 1º ano ao 9º ano tem que ter uma evolução conceitual de complexidade para a gente não repetir conteúdo, o que acontece é que a gente fica repetindo conteúdo. Acontece muito nos anos iniciais. A gente ver Brasil no sétimo ano e depois ver Brasil no primeiro colegial repetindo tudo de novo. Não é isso! A gente tem condições de fazer muitas abordagens e recortes.

Então, o *Raciocínio Geográfico* vem com essa potência, né! E quando coloca isso na base nacional reverbera para os currículos estaduais, reverberando, então, para várias pesquisas. Esse ano<sup>9</sup> participei de várias bancas cujo título era *Raciocínio Geográfico, Pensamento Espacial*, porque o pensamento espacial reforça a cartografia escolar e o raciocínio geográfico reforça a ideia que a geografia tem relevância no currículo. A gente tem sempre que garantir a relevância da Geografia no currículo e quem garante a relevância somos nós professores na sala de aula. Não é um documento que ajuda a Equidade, a ter uma referência no país, mas o que garante mesmo esse processo de ensino-aprendizagem é o professor na sala de aula. Eu não acredito que seja por decreto que vai dizer tem que ensinar isso, e isso, e isso... o professor na sala de aula deve ser do jeito dele, de como ele entende as coisas.

**Revista Pensar Geografia:** Poderíamos dizer que há uma distinção entre *Raciocínio Geográfico* e *Pensamento Geográfico* e aí dentro do ponto de vista epistêmico?

Não! Eu acho que esse é o debate, né? Estão loucos para fazer esse debate, principalmente comigo e com a Lana,<sup>10</sup> querem que a gente discuta isso o tempo inteiro. Mas eu acho que não. Se você pega o livro do Paulo César da Costa Gomes, por exemplo, *Quadros*

---

<sup>9</sup> A entrevista foi realizada em 13.12.2021.

<sup>10</sup> Lana de Souza Cavalcanti.

*Geográficos*<sup>11</sup>, ele disse que raciocinar geograficamente é uma forma de pensar a geografia. Se eu entendo esse pensamento como o raciocínio, se eu entendo o pensamento como algo ligado à epistemologia, ao estatuto epistemológico da geografia, tudo bem; se eu entendo o pensamento na perspectiva de um autor que está no campo da aprendizagem aí é equívoco! Por que não é essa ideia da base nacional. Esse raciocínio é uma forma de compreender a complexidade e analisar um fenômeno. E o raciocínio, se a gente vai lá na filosofia, também tem uma dimensão do método. O raciocínio traz lógica e organização. Eu defendo o uso do raciocínio e não do pensamento, mas tem gente que usa como se fossem sinônimos, aí é um debate que não vai ter fim porque são concepções.

**Revista Pensar Geografia:** *Por fim, atualmente vivenciamos um momento político e econômico conturbado que vem se refletindo - dentre outras dimensões - na reconfiguração da educação básica no Brasil. Como estar e poderá ficar os horizontes para a prática de ensino de geografia no Brasil nesse contexto?*

Acho meio triste o ‘horizonte’ atualmente. Estamos vivendo um momento de conservadorismo e retrocesso. As pessoas acharam que mudando o governo, principalmente a classe média alta (eles devem estar muito felizes porque está tudo quase privatizado, uma ‘bagunça’ generalizada). A educação pública não faz sentido para quem ‘tem grana’ nesse país que é um país de mentalidade de colônia, de colonizadores e colonizados, ou seja, a burguesia tem uma cabeça de colonizador que o pobre não tem direito a nada.

Vivemos numa sociedade de classes sociais que eu acho que ainda tem o discurso de que a gente não vive numa sociedade de classes, que isso é Marxismo, que Max está superado ou então que a gente vive *em grupos sociais e por isso você pode juntar pobre e rico nestes grupos sociais*. Ainda acho que a gente tem que disputar, tem mais-valia, exploração, tem vários conceitos que ainda existem na sociedade, o trabalho análogo à escravidão que ainda existe em 2021.

Então, penso que estamos numa situação muito conturbada mesmo, muito complicada; fora o conservacionismo do comportamento da pauta de comportamento, sexualidade, gênero e étnico-racial; mas acho que a gente tem que discutir as identidades sim, mas precisamos nos reconhecer também enquanto classe social e lutar contra essa discrepância, desigualdade, injustiça social e etc. Quando penso sobre esse momento lembro de muitos colegas que foram torturados e morreram de depressão por serem contra a tortura, que foram presos e que sofreram alguns traumas; que foram desqualificados pela repressão e pelos próprios companheiros.

Quando volto e penso nessas coisas todas, vejo que estamos retrocedendo muito, inclusive dentro da esquerda. *Esse é um problema muito sério porque isso é muito complicado. Horizonte* - e é claro que o ensino da geografia está associado ao movimento do que vai acontecer na sociedade - Quando você fala assim, como está e poderá ficar os horizontes para a prática da geografia? Acho que a geografia tem um papel fundamental no currículo. Tem muita gente que diz que a Geografia saiu, mas se você pega... eu vou dar só um exemplo, a

---

<sup>11</sup> GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Quadros geográficos:** uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

base do ensino médio, no que diz respeito ao conteúdo e não da forma como está ali, você pega as categorias da área de ciências humanas: Natureza, Fronteira, Território, Sociedade, Trabalho, Espaço e Tempo, todas essas categorias são da geografia.

Então veja, existem abordagens ali que a gente poderia trabalhar só com a geografia. Uma das críticas que mais ouvi de outros colegas era que tem muita geografia e dentro da geografia ouço que não tem geografia. Ou ninguém ler, ou não sabem ler, ou não ler e estão fazendo de má-fé, né; ou sabem, mas escondem que sabem só para ‘brigar’. Vejo que a geografia tem uma perspectiva muito grande e ajudaria muito a compreender a realidade. Entretanto, nós temos problemas no país e enquanto não mudar o governo nós vamos ter cada vez mais problema. E a eleição de 2022 (apesar da gente está falando desde 2018 sobre a eleição de 2022) ainda não está garantida.

Não estou dizendo com isso que o currículo é maravilhoso, estou dizendo que a gente pode fazer coisas boas com ele e a partir dele; e no momento que puder a gente muda, altera, contribui para avançar a geografia no Brasil. O que mais quero avançar a geografia no Brasil é garantir que ela seja importante no currículo. Trabalhando com alguns colegas em alguma secretaria dizem: “*a Sônia quer que a Geografia domine o mundo*”; e, sim, vamos dominar o mundo. Porque acho que a Geografia nas escolas ajuda muito a contribuir com a formação cidadã e para a compreensão da realidade em todas as escalas de análise.

### Referências bibliográficas

Associação dos Geógrafos Brasileiros. "Estatutos." (1938, 1945, 1963, 1970 e 1979)

SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova**. Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora Hucitec/EDUSP, 1978.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Distinção palavra/objeto e a representação do espaço geográfico por alunos da 5º a 8º série**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

CASTELLAR, S. M. R. **Noção de espaço e representação cartográfica**: ensino de geografia nas séries iniciais. 1996. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PIAGET, Jean. *La representation de l'espace chez l'enfant*. Paris, P.U.F., 1948

\_\_\_\_\_. *A representação do mundo na criança*. Rio de Janeiro: Record, 1975



\_\_\_\_\_. **A Formação do símbolo na criança:** imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 3ª edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978. 370 p